

## CONFLITOS, SOLIDARIEDADE E FORMAÇÃO DE CLASSE - “NACIONAIS” E ESTRANGEIROS NOS PRIMÓRDIOS DA MINERAÇÃO DE CARVÃO DO BRASIL (1850-1950)

Clarice Gontarski Speranza\*

### RESUMO:

O artigo analisa as interações entre trabalhadores brasileiros e estrangeiros na construção de classe entre os mineiros de carvão do Sul do Brasil no primeiro século de exploração carbonífera (entre 1850 e 1950). A autora apresenta o processo de migração relacionando-o ao desenvolvimento das minas. A partir de um acervo relacionado às carteiras profissionais, identificam-se diversas origens e nacionalidades para os operários, com destaque para os espanhóis, entre os estrangeiros. O trabalho analisa movimentos de resistência, como greves e a formação do sindicato, e mostra a tensão entre uma identidade de ofício calcada na coesão e na solidariedade, e a existência de espaços de segregação entre os trabalhadores.

**Palavras-chave:** Migração; Mineiros; Trabalho.

### ABSTRACT:

The article analyzes the interactions between Brazilian and foreign workers in the making of the coal miners working class of southern Brazil in the first century of region's coal mining (between 1850 and 1950). The author presents the migration process relating it to the development of the mines. From sources related to the professional license, several origins and nationalities are identified for the workers, especially Spaniards. The paper analyzes resistance movements, such as strikes and the formation of the miners' Union, and shows the tension between a craft identity based on cohesion and solidarity, and the existence of spaces for segregation.

**Keywords:** Immigration; Coal miners; Labour.

Em uma pequena colina, no centro da cidade gaúcha de Arroio dos Ratos (localizada a 55 quilômetros de Porto Alegre), entre casas de madeira e ruas de paralelepípedos, há uma estátua que simboliza o maior orgulho desta pequena cidade com hoje treze mil habitantes. Em um tamanho ligeiramente maior do que a de um homem real, impõe-se altivo um homem de bronze, a reprodução de um mineiro de carvão com calças na altura do tornozelo, camiseta,

---

\* Professora dos cursos de graduação e do PPG em História da UFRGS (RS), doutora em História. Uma versão anterior deste artigo foi publicada em inglês na *International Review of Social History*, nº 60, 2015, edição especial, p. 165-183, sob o título “European workers in Brazilian coalmining, Rio Grande do Sul, 1850-1950”. A pesquisa “Levantamento e análise de redes de relacionamento, migrações e trajetórias dos trabalhadores gaúchos (1933-1943) a partir das fichas de identificação da DRT”, que deu origem ao trabalho, foi financiada por bolsa de pós-doutorado DOC-FIX FAPERGS/Capes, junto ao PPG da UFPel. Atualmente, a autora desenvolve o projeto de pesquisa “Imigração, relações étnicas e conflitos sociais nas minas de carvão do Rio Grande do Sul (1850-1950)”.

boné e bolsa a tiracolo. Localizado no entrocamento do Largo dos Mineiros e da Avenida Espanha, o monumento foi inaugurado em dezembro de 1974, durante a ditadura civil-militar, por um ato da primeira legislatura da Câmara Municipal. O objetivo declarado era glorificar aqueles responsáveis pelo "trabalho fecundo durante um século de extração carbonífera, em prol da riqueza e do progresso desta região e da pátria"<sup>1</sup>.

O início da mineração de carvão no Brasil começou nesta terra com a primeira mina de carvão e a primeira usina ainda no século XIX. Hoje, as minas de Arroio dos Ratos estão exauridas há décadas, mas a mineração de carvão ainda permanece em cidades vizinhas (em minas a céu aberto). Porém, quem se demora alguns minutos mirando a estátua do mineiro logo nota a semelhança com as imagens heroicas dos trabalhadores robustos e altivos do realismo soviético. Retrato de um estereótipo, a estátua do mineiro obscurece as tensões que marcaram a história da extração do minério na região, não apenas entre as mineradoras e os operários, mas também entre os diversos grupos de mineiros, de origens e culturas diferentes.

Contrariamente à fábula de harmonia, força e humildade que a estátua do mineiro pretende transmitir, o processo de construção de classe entre os mineiros de carvão conviveu com uma série de conflitos étnicos, raciais e culturais, tendo como pano de fundo levas de trabalhadores de diferentes origens que foram trazidos para a região, ou que lá já viviam e que, a despeito de suas muitas dissensões, conseguiram protagonizar movimentos de resistência e de solidariedade contra a dominação patronal.

Por suas características específicas, o processo de trabalho mineiro demanda uma incorporação permanente de grandes levas de trabalhadores (devido aos altos índices de acidentes e de mortes), o que favorece um intenso "intercâmbio de idéias" entre diferentes nacionalidades de trabalhadores e uma "apropriação seletiva de modelos 'estrangeiros' por sociedades nativas", como salientou Berger<sup>2</sup>. Assim, por todo o mundo, as comunidades mineiras tenderam a desenvolver consciências políticas híbridas, onde "as estruturas de sentimento e a cultura política da comunidade eram compostas por formações ideológicas concorrentes e contrastantes e pela interpenetração tanto de discursos e práticas de classe quanto não classistas", como definiu Klubock<sup>3</sup>, referindo-se às minas de cobre do Chile.

É evidente que as principais características pertinentes ao trabalho de mineração encontradas em todo o mundo (trabalho intensivo, condições perigosas e insalubres, grande

---

<sup>1</sup> Conforme a placa de bronze ao pé da estátua.

<sup>2</sup> BERGER, Stefan. Introduction. In: BERGER, Stefan; CROLL, Andy; LAPORTE, Norman (orgs). *Towards a Comparative History of Coalfield Societies*. Londres: Ashgate, 2005, p.4. Tradução minha.

<sup>3</sup> KLUBOCK, Thomas Miller *Contest Communities: Class, Gender and Politics in Chile's El Teniente Cooper Miner (1904-1951)*. Durham: Duke University Press, 1998, p.6. Tradução minha.

empresa, vilas-fábricas, controle sobre a vida familiar, alto ativismo político e solidariedade no ofício<sup>4</sup>) também estão presentes nas minas de carvão brasileiras. No entanto, a peculiaridade da experiência dos mineiros brasileiros reside no fato de que a criação desta comunidade coincide com a abolição da escravidão e com a sedimentação, no país, de um contexto social marcado pela ambigüidade étnica e racial – em especial nos estados do sul, onde a imigração foi mais intensa.

Este artigo pretende entender as interações entre “nacionais” e estrangeiros na construção da classe operária carbonífera do Sul do Brasil no seu primeiro século de existência (entre 1850 e 1950), identificando grupos e identidades e as relações entre eles. Ele está organizado em duas partes. Na primeira, apresento em linhas gerais o desenvolvimento da mineração e o crescente fluxo de trabalhadores para as minas, com ênfase para a imigração europeia. Na segunda, investigo a origem dos trabalhadores imigrantes, identificando os espanhóis como um dos grupos preponderantes, e discuto sua relação com os mineiros “nacionais”.

### **Vindos de todas as partes**

A região carbonífera gaúcha fica próximo à capital, Porto Alegre, em terras onde em fins do século XIX praticava-se agricultura de subsistência. Um mineiro britânico, James Johnson, introduziu técnicas de escavação e fundou a primeira empresa de carvão na região em meados do século XIX. Nascido na Cornualha, Johnson não apenas foi responsável pelo mapeamento dos primeiros veios de carvão no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina<sup>5</sup>, como também iniciou a exploração efetivamente. Foi por intermédio dele que chegaram às minas as primeiras famílias de mineiros profissionais da Inglaterra, trazendo conhecimento técnico necessário à exploração<sup>6</sup> (não há registro de trabalho escravos nas minas de carvão locais).

---

<sup>4</sup> Sobre as tradicionais características atribuídas à mineração de carvão e a seus trabalhadores, ver os clássicos TREMPÉ, Rolande. *Les caractéristiques du syndicalisme minier français et son apport au mouvement ouvrier français*. Halifax, volume 16, nº 1, 1981 e DENNIS, Norman; HENRIQUES, Fernando e SLAUGHTER, Clifford. *Coal is our life*. Londres: Tavistock Publications, 1956.

<sup>5</sup> BELOLLI, Mario et al. *História do carvão de Santa Catarina*. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002, p.35.

<sup>6</sup> Simch sustenta que a vinda de 12 famílias inglesas foi diretamente intermediada por Johnson em fins dos anos 1860 (SIMCH, Carlos Alfredo. *Monografia de São Jerônimo*. Porto Alegre: Livraria Andradas, 1940, p. 113). Silva, citando Francisco Riopardense de Macedo, localiza a chegada de 10 mineiros ingleses no início dos anos 1850. Segundo esta fonte, os ingleses teriam sido arrematados entre colonos que já estavam alojados na vizinha Serra do Erval, sendo, porém, mineiros de profissão. Um jornal da época teria mencionado a vinda iminente de cem mineiros da Inglaterra. SILVA, Cristina Ennes da. *Nas profundezas da terra: um estudo sobre a região carbonífera do Rio Grande do Sul (1883-1945)*. Tese (doutorado em História), PUCRS, Porto Alegre, 2007, p. 44-48.

Este fenômeno – o pioneirismo dos britânicos em “disseminar” a indústria de carvão – não é privilégio do Brasil e se relaciona com um movimento global de expansão da mineração de carvão ocorrido em todo o mundo, como demonstrou Knotter (citando África do Sul, Canadá, Austrália e Nova Zelândia, entre outros)<sup>7</sup>.

Johnson e um sócio brasileiro (Inácio José Ferreira de Moura) receberam em 1866 a concessão para exploração das minas de São Jerônimo (município cujos distritos de Arroio dos Ratos, Butiá e Minas do Leão se transformaram em vilas mineiras nas décadas seguintes). Posteriormente, o mineiro obteve em Londres capital para fundar no Brasil a primeira empresa de mineração de carvão, a *Brazilian Imperial Collieries Company Limited*, fundada em 1872. A *Brazilian Imperial Collieries* construiu uma ferrovia ligando a mina à cidade de São Jerônimo, porém, teve vida curta: faliu em 1873<sup>8</sup>.

A empresa subsequente, *Holtzweissig & Co*, com capital alemão, trouxe trabalhadores e ferramentas da Europa, mas também não conseguiu permanecer à tona<sup>9</sup>. Em 1883, foi sucedida pela Companhia das Minas de Carvão de Pedra de Arroio dos Ratos, a primeira com capital nacional. Um evento importante nesse período foi a visita da Princesa Isabel, em 1885, o que indica um certo interesse da corte sobre as terras de carvão do país<sup>10</sup>. A Companhia das Minas de Carvão de Pedra alterou seu nome para Companhia Estrada de Ferro e Minas de São Jerônimo (CEFMSJ) em 1889.

Para enfrentar o problema inicial de mão de obra nas mineradoras de carvão, o CEFMSJ assinou um contrato ainda com o governo imperial em 1889, no qual ficava acertado a instalação de cinco assentamentos na região, com 1.000 trabalhadores cada, para as minas de carvão e atividades agrícolas. Os trabalhadores viriam da Europa ou de possessões coloniais portuguesas ou espanholas, ou mesmo de outras regiões brasileiras, sendo os trabalhadores estrangeiros em uma proporção de 80% para os nacionais.

Assim, foram criadas novas colônias de imigrantes na área de Barão do Triunfo, também distrito do município de São Jerônimo. Agricultores poloneses, alemães, italianos e espanhóis formaram tais colônias, e esta diversidade não teria sido acidental: "já predominava o critério da mistura, para evitar possíveis núcleos de minorias raciais e de nacionalidades"<sup>11</sup>, conforme Carlos Simch, médico e prefeito do município nos anos 1940. Embora haja indícios

---

<sup>7</sup> KNOTTER, Ad. Mineração de carvão, migração e etnicidade: uma história global. *Revista Mundos do Trabalho*, vol. 7, n. 14, julho-dezembro de 2015, p. 13-35.

<sup>8</sup> SIMCH, *Monografia*, p. 112-113.

<sup>9</sup> Dahne, Eugênio. *A mineração de carvão e as concessões da Companhia no Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Gundlach, 1893, p.9. Dahne foi engenheiro-chefe da CEFMSJ.

<sup>10</sup> Carta da Princesa Isabel (datada de 13 de janeiro de 1885), disponível no Museu Estadual do Carvão do RS.

<sup>11</sup> SIMCH, *Monografia*, p. 97.

que a empresa não tenha completado o acordo em termos de número de trabalhadores, uma grande quantidade de imigrantes passou se envolver em atividades agrícolas ou extração de carvão. Em troca, o governo concedeu à empresa uma gama de benefícios, tais como terras públicas e reduções de impostos<sup>12</sup>.

O conhecimento do trabalho de mineração inicialmente garantiu vantagens e *status* aos mineiros imigrantes. Eles eram vistos como instrutores potenciais, sempre comparados, de forma superior, à população local. Em carta endereçada ao Ministério da Agricultura, em outubro de 1892, a direção da CEFMSJ enumerou entre as virtudes da exploração do carvão nacional a economia gerada à fazenda nacional

porque com o desenvolvimento da mineração, a companhia, que já conta em sua povoação da mina mais de mil almas de famílias estrangeiras e brasileiras de mineiros e auxiliares, irá atraindo mais imigrantes e suas famílias, sem ônus para a fazenda nacional e úteis, porque só importa mineiros escolhidos em habilitações e moralidade, com cujo ensino e exemplo já tem formado mineiros brasileiros de indivíduos que outrora pululavam na ociosidade<sup>13</sup>.

Ou seja, os “indivíduos” brasileiros não apenas absorveriam os conhecimentos técnicos dos imigrantes como teriam deles exemplos morais necessários para transformar-se, de fato, em trabalhadores, fugindo assim da “ociosidade”. Por incrível que pareça, a população “nativa” do país, herdeira da escravidão, sequer era considerada trabalhadora. A ideologia do branqueamento, corrente na época, e que se sustentava na crença da iminente extinção da raça negra (vista como degradada pela escravidão), tinha como pressuposto implícito a defesa da miscigenação, e também da imigração europeia. Os imigrantes eram retratados como “redentores” da população brasileira nativa, supostamente mergulhada no “ócio”. Como observou Lesser, “os imigrantes eram frequentemente saudados como salvadores por terem modificado e melhorado o Brasil, não por terem sido beneficiados pelo Brasil”<sup>14</sup>.

Nas vilas mineiras, as moradias eram fornecidas pelas companhias. Os trabalhadores brasileiros eram alojado em ranchos cobertos por palha, ou casinhas com telhado de zinco ou telha, e os mineiros estrangeiros – “importados em levas, espanhóis e alemães” – recebiam casas coletivas ou “repúblicas”, aos solteiros, e casas ou ranchos para os casados<sup>15</sup>. “As

<sup>12</sup> Contrato entre o Governo Imperial e a Companhia das Minas de São Jerônimo para a fundação de um ou mais núcleos coloniais, 26 de agosto de 1889, fac-símile disponível em DAHNE, *A mineração de carvão*, p. 53.

<sup>13</sup> DAHNE, *A mineração de carvão*, p. 98.

<sup>14</sup> LESSER, Jeffrey. *Immigration, ethnicity and national identity in Brazil, 1808 to present*. New York: Cambridge University Press, 2013, p. 2. Tradução minha.

<sup>15</sup> SIMCH, *Monografia*, p. 102.

residências eram de propriedade da companhia, sendo que os trabalhadores tinham sua posse enquanto trabalhassem na atividade carbonífera, ou, ainda, enquanto fosse interesse desta manter o empregado”<sup>16</sup>.

Porém, a propagandeada valorização dos trabalhadores não era acompanhada por salários que os satisfaziam, o que gerou desde o início protestos coletivos. A primeira greve mineira da qual temos registro ocorreu em 1895. Um grupo de vinte trabalhadores europeus, provenientes de colônias imigrantes vizinhas, teriam sido os líderes do movimento, conforme um relatório da CEFMSJ:

Querendo ganhar muito em pouco tempo, e sempre descontentes, tinham desorganizado completamente o serviço, aproveitando-se sempre que nos recrutavam o pessoal nacional para obrigar o gerente interino a aumentar os preços que se lhes pagava por tonelada de carvão extraído, e os salários a todo o pessoal; assim é que em fins de 1893 sendo recrutado pela terceira vez nosso pessoal, tivemos de pagar-lhes mais 1\$200 réis por tonelada e mais 8\$000 réis por metro de galeria no poço “Fé”.<sup>17</sup>

O relatório indica reiterados episódios de mobilização dos mineiros. A insatisfação teria chegado ao limite em junho de 1895, quando os trabalhadores declararam greve, com adesão massiva inclusive de trabalhadores infantis:

No dia 1º de Maio apresentaram novas imposições, organizando passeatas com bandeiras encarnadas e manifestações anarquistas e em princípios de junho tendo sido recrutados todos os nossos mineiros nacionais, maquinistas e foguistas da locomotiva, ferreiros, carpinteiros das oficiais e mais empregados nacionais e muitos estrangeiros até velhos e meninos, de 13 anos, e tomados os cavalos, mulas e carroças da companhia, ficando aqueles mineiros sós em campo valerem-se deste fato para fazerem, como fizeram greve, declarando que não trabalhariam mais nem deixariam qualquer empregado da Companhia trabalhar sem aumento de 25% em todos os preços e ordenados! Assim conservaram-se durante mais de 15 dias em greve.

Naquele momento, terminava a Revolução Federalista<sup>18</sup>, revolta que teve saldo de cerca de 10 mil mortes no Rio Grande do Sul. De fato, à medida que os operários mobilizados pelo conflito retornavam às minas, aderiam e engrossavam o movimento. Assim, “neste aperto, o engenheiro gerente resolveu pagar àqueles mineiros mais barulhentos e despedi-los do serviço da mina”. Ao final, o relatório apresenta uma reflexão que indica uma reavaliação da empresa sobre a vinda de europeus: “Deste fato, tiramos a lição que os mineiros colonos em geral são socialistas repelidos das minas, porque mineiro na Europa é operário muito bem

<sup>16</sup> SILVA, *Nas profundezas*, p. 243.

<sup>17</sup> Relatório da CEFMSJ, sessão regular de 1895. Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, 1895, p. 12-13. Museu Estadual do Carvão do Rio Grande do Sul.

<sup>18</sup> A Revolução Federalista foi uma sangrenta Guerra civil (com um número estimado de 10,000 mortos ao final) que ocorreu no Rio Grande do Sul entre 1893 e 1895, nos primeiros anos do Período Republicano.

remunerado e cercado de confortos e somente se expatria espontaneamente atraído por vantagens superiores às que auferia no seu país natal”<sup>19</sup>.

A mudança gradual na forma como os imigrantes foram considerados pelos empregadores e pelo governo ocorreu em todo o país. No decorrer da Primeira República, várias leis entraram em vigor permitindo a deportação de trabalhadores estrangeiros, entre elas a Lei Gordo (decreto 1.641, de 1907)<sup>20</sup>. Já após a Revolução de 30, o decreto 19.482, de dezembro de 1930, estabeleceu uma proporcionalidade obrigatória de dois terços dos empregados brasileiros contra um terço dos estrangeiros nas indústrias. A partir de 1937, passou a vigorar uma campanha de nacionalização que visava a promover a assimilação de comunidades étnicas, com ênfase na educação e na obrigatoriedade do uso da língua portuguesa<sup>21</sup>.

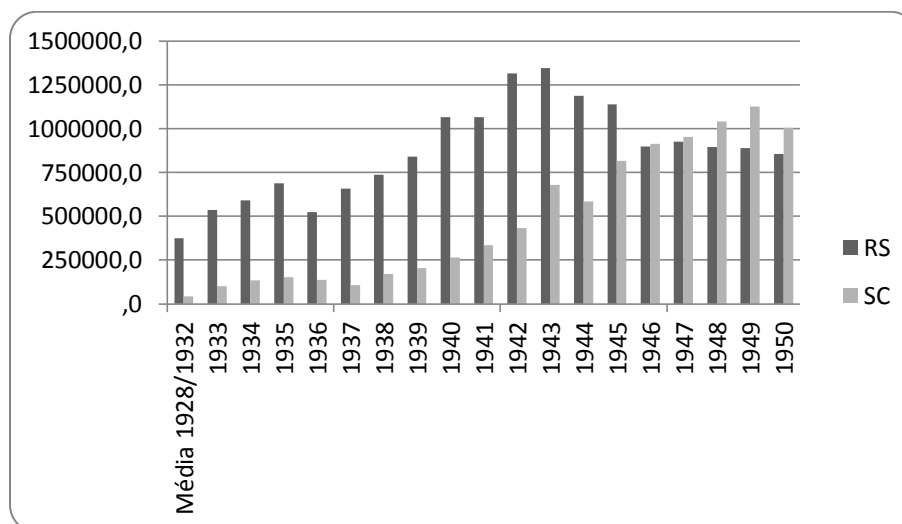
Na década de 1930, a mineração de carvão iniciou uma trajetória de desenvolvimento vigoroso, fortemente apoiada por incentivos fiscais do governo federal: em 1931, um decreto do governo alavancou a indústria para definir uma percentagem mínima de 10% do consumo doméstico de carvão em relação ao estrangeiro. Em 1932, o grupo paulista Martinelli tomou posse de todas as minas da vila de Butiá e começou a explorar a região mais intensamente através da Carbonífera Riograndense. Um crescimento ainda maior da mineração do carvão ocorreu com a fundação do Consórcio Administrador das Empresas de Mineração (Cadem), em 1936, que uniu a CEFMSJ e a Carbonífera Riograndense. Líder da produção riograndense, o Cadem praticamente monopolizou a produção brasileira até 1945, conforme vemos no gráfico 1, que relaciona os dois estados produtores de carvão no Brasil até 1950.

---

<sup>19</sup> RELATÓRIO da Companhia Estrada de Ferro e Minas de São Jerônimo (reunião ordinária de 1895). Rio de Janeiro: Oficinas do Jornal do Brasil, 1895, p. 12-13. Acervo do Museu Estadual do Carvão.

<sup>20</sup> Sobre as expulsões de estrangeiros durante a Primeira República, ver BONFÁ, Rogério Luis Giampietro. “Com ou sem lei”: as expulsões de estrangeiros durante a Primeira República. *Cadernos AEL*, Campinas, v. 14, n. 26, 2009, p. 185-214.

<sup>21</sup> SEYFERTH, Giralda. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (org). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999, p. 199-228.

**Gráfico 1 – Produção de carvão no RS e SC (por tonelada) – 1928/1960**

**Fonte:** Gráfico elaborado a partir dos dados apresentados nos Anuários Estatísticos do IBGE do período.

Nas décadas de 30 e 40, as vilas operárias de Arroio dos Ratos e Butiá cresceram e se tornaram mais urbanizadas. As empresas de mineração criaram uma infra-estrutura de bem estar e controle, que incluía hospital, cinema, cemitério, mercado e delegacia de polícia. De 1932 a 1939, a região produziu 82% da produção nacional de carvão, liderada pela produção de Cadem. Em 1936, um decreto federal aumentou o consumo mínimo de carvão brasileiro no país de 10% para 20%. As minas de carvão do Rio Grande do Sul atingiram o pico de produção durante a II Guerra Mundial, em 1943, quando 1,34 milhão de toneladas de carvão foram extraídas (cerca de 65% de toda a produção brasileira de carvão). Naquele ano, havia cerca de 7.000 trabalhadores em Arroio dos Ratos e Butiá<sup>22</sup>.

Pelo menos quatro greves ocorridas até 1934<sup>23</sup> apontam para uma crescente organização dos mineiros e sua insatisfação com o ambiente de trabalho e pagamento. Em janeiro de 1933, em ofício destinado a direção da CEFMSJ, os administradores da mina de Ratos informavam do medo de uma mobilização conjunta dos trabalhadores daquela vila com a da vizinha Butiá, empregados de outra mineradora:

O pessoal dessa mina [Butiá] acha-se em greve pelos mesmos motivos invocados pelos nossos operários nestes últimos dias, e principalmente os tocadores, que exigem 15\$000 diários ao invés de 14\$000. A nossa polícia impediu a entrada em nossas minas de tocadores que vinham de Butiá,

<sup>22</sup> Ver SPERANZA, Clarice Gontarski. *Cavando direitos: as leis Trabalhistas e os conflitos entre os mineiros de carvão e seus patrões no Rio Grande do Sul (1940-1954)*. São Leopoldo: Oikos; Porto Alegre: ANPUHRs, 2014, p. 50-51.

<sup>23</sup> KLOVAN, Felipe Figueiró. *Sob o fardo do ouro negro: as experiências de exploração e resistência dos mineiros de carvão do Rio Grande do Sul na década de 1930*. Dissertação (Mestrado em História), PPG em História, UFRGS, 2014.



decerto com o fito de obter que os nossos operários fizessem causa comum com eles. Os motivos, V. Sa. Já conhecem: de início, foi a Caixa de Aposentadoria e Pensões, depois o atraso nos pagamentos e por último os preços altos cobrados pelo armazém para os gêneros. Dois mineiros do Butiá que vinham levantar os nossos estão presos nas nossas minas.<sup>24</sup>

Ressalte-se o uso da polícia como elemento de repressão privado da direção das mineradoras em relação aos trabalhadores. Foi neste contexto que o Sindicato dos Mineiros<sup>25</sup> foi oficialmente fundado, em 1934. Segundo relato oral de trabalhadores aposentados, como Juarez Lima (que não presenciou estes acontecimentos, mas cuja memória lhe foi transmitida pelo pai, também mineiro), antes do sindicato, os mineiros se reuniam em reuniões no mato à noite, secretamente longe das empresas.

O nosso sindicato foi criado em reuniões no meio do mato. Porque havia uma perseguição violenta contra as organizações de classe. (...) Fazia-se reunião, sendo ela no mato ou em qualquer lugar, com vinte, trinta pessoas... no outro dia a polícia ficava sabendo - porque tinha sempre alguém denunciando (algum Silvério dos Reis!) - e perseguia as articulações em torno da organização sindical.

A próxima reunião era combinada para o dia seguinte através de códigos, de senhas (...)<sup>26</sup>

Em carta endereçada ao então Inspetor Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul, Ernani de Oliveira, em outubro de 1934, a direção da CEFMSJ indicava a existência de uma ampla maioria de brasileiros entre seus empregados – 2.254 de um total de 2.567 mineiros. Dos 313 estrangeiros, a maioria era de espanhóis (125), seguido por poloneses (55), lituanos (20), portugueses (20), alemães (18), uruguaios (13), russos (12), entre outros<sup>27</sup>. Porém, entre os militantes sindicais, a concentração de estrangeiros era maior. Em um processo judicial encerrado em 1937 que resultou na demissão de 18 líderes sindicais envolvidos nas

<sup>24</sup> OFÍCIO endereçado aos diretores da CEFMSJ, 28 de janeiro de 1933. Arquivo Museu Estadual do Carvão, Fundo CEFMSJ, Série Administração, Caixa 1, Cartas 1933-1934. Tocadores são os mineiros encarregados de empurrar os vagonetes carregados de carvão do fundo da mina até a boca do poço. Representavam a categoria mais numerosa entre os mineiros.

<sup>25</sup> Sindicato dos Trabalhadores na Indústria em Extração do Carvão em São Jerônimo. Ver Witkowski, Alessandro e FREITAS, Tassiane Melo. *Sobre os homens desta terra – A trajetória de fundação do sindicato dos mineiros de Butiá no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, edição do autor, 2006.

<sup>26</sup> LIMA, Juarez Adão. Depoimento ao Centro de História Oral (CHO) do Rio Grande do Sul, 21/06/2002. Entrevistadores: Ariadne Lamana, Carlos Riella, Cristiano Pluhar e Sara Caumo Guerra. Lima (1934-2009) foi filho e neto de mineiros de Arroio dos Ratos, técnico eletricitista do CADEM, tendo trabalhado em Arroio dos Ratos e em Charqueadas. Ligado ao antigo PTB, foi vereador e prefeito de Arroio dos Ratos. Além de vários textos sobre a história da mineração, sobre Alberto Pasqualini e sobre Leonel Brizola, produziu um volume em versos sobre a história da região carbonífera e do mineiro, ainda inédito.

<sup>27</sup> OFÍCIO endereçado a Ernani de Oliveira, 31 de outubro de 1934. Arquivo Museu Estadual do Carvão, Fundo CEFMS, Série Administração, Caixa 3, Cartas 1934-1935.

mobilizações de 1934, encontramos nomes que denotam ascendência europeia em pelo menos cinco dos trabalhadores (Wodacik, Caldellas, Martinez , Covalés and Splanick)<sup>28</sup>.

A II Guerra Mundial forneceu uma forte justificativa para que as empresas mineradoras rejeitassem os não-nacionais, sobre os quais pesava agora mais fortemente a pecha de subversivos. Em agosto de 1943, por exemplo, o Cadem pediu à polícia para prender um trabalhador húngaro, José Varga. Em uma carta endereçada ao Chefe de Polícia, a empresa argumentou que "o comportamento deste Súdito do Eixo inspira preocupação à nossa administração". Varga (cujo nome húngaro, "Vass", só aparece uma vez no dossiê compilado na empresa), havia vindo para o Brasil muito antes da guerra e trabalhava nas minas desde 1925. Não havia nenhuma informação sobre algum suposto relacionamento de Varga com grupos nazistas. O principal problema aventado pela empresa era, ao contrário, suas "tendências anarquistas" e o fato de que ele provocava "agitação entre os trabalhadores"<sup>29</sup>.

As greves e as manifestações por salários e melhores condições de trabalho tornaram-se mais frequentes após o fim da II Guerra, quando a procura de carvão diminuiu. Em junho de 1947, Cadem denunciou à polícia local que 16 dos 59 imigrantes europeus (principalmente da Áustria, Polônia e Ucrânia) que haviam chegado às minas pagos pelo consórcio se recusaram a trabalhar "incitados por elementos ruins". O grupo veio ao Brasil no âmbito da mediação do Comitê Intergovernamental sobre Refugiados<sup>30</sup>.

Naquela época, o fluxo de imigrantes e de migrantes (principalmente vindos de Minas Gerais) passou a ser muito mais uma estratégia contra rotatividade e altas taxas de mortalidade do que uma necessidade de atrair operários especializados. Assim, depois da Segunda Guerra Mundial, as mineradoras brasileiras voltaram sua atenção para os trabalhadores das regiões européias mais afetadas pela guerra. Em 1945, por exemplo, o Cadem pediu ao governo federal brasileiro que permitisse a chegada de 500 imigrantes europeus. A mineradora tinha um interesse especial pelos poloneses que não estavam satisfeitos com a ocupação soviética: um diretor de uma companhia de carvão contactou o comandante da tropa polonesa em Londres, tentando atrair ex-soldados poloneses para minas brasileiras. Nos anos seguintes, muitos poloneses, ucranianos e iugoslavos viriam trabalhar na região carbonífera<sup>31</sup>.

<sup>28</sup> KLOVAN, *Sob o fardo do ouro negro*, p. 197.

<sup>29</sup> Dossiê José Vargas, Arquivo do Museu Estadual do Carvão do Rio Grande do Sul.

<sup>30</sup> CIOCCARI, Marta. *Do gosto da mina, do jogo e da revolta: um estudo antropológico sobre a construção da honra numa comunidade de mineiros de carvão*. Tese (doutorado em Antropologia), PPGAS Museu Nacional (RJ), 2010, pp.122-123.

<sup>31</sup> CIOCCARI, *Do gosto da mina*, p.109.

A partir da construção da Usina de Volta Redonda, durante o conflito mundial, aumentou a demanda de carvão utilizado para fins siderúrgicos, sendo o minério de Santa Catarina mais apropriado, por suas características físicoquímicas específicas. A mineração do Rio Grande do Sul entrou em lenta decadência com o fim da guerra. A demanda de carvão utilizada para fins de transporte (ferrovias) ou produção de energia elétrica diminuiu. O petróleo importado do exterior começou a substituir o carvão usado nos trens (estimulado pelas taxas de câmbio do dólar induzidas pelo sistema de Bretton Woods) e foi incentivada a construção de hidrelétricas. Os decretos governamentais garantindo reserva de mercado ao carvão nacional cessaram e a fixação de preços gerou repetidas crises na indústria.

### **Nacionalidades, rivalidades e solidariedades**

Os espanhóis formam o grupo mais numeroso que veio para as minas do Rio Grande do Sul entre final do século XIX e início do XX. O fluxo de imigrantes espanhóis é confirmado pelo Censo Brasileiro de 1920, no qual São Jerônimo aparece como o terceiro destino com maior quantidade de imigrantes espanhóis entre as cidades do Rio Grande do Sul. Neste momento, São Jerônimo tinha uma população total de 22.719 (a cidade quase duplicou o número de habitantes em comparação com 1890), com 1.318 estrangeiros. Ficava atrás apenas da capital do estado (Porto Alegre, população total de cerca de 180.000) e dois outros centros industriais regionais importantes no período (Rio Grande e Pelotas) em termos de chegada de trabalhadores espanhóis<sup>32</sup>. Com 504 espanhóis, a cidade concentrou quase 10% de todos os imigrantes espanhóis no Rio Grande do Sul.

Vinte anos mais tarde, o Censo Brasileiro de 1940 indicou que São Jerônimo era a segunda cidade do estado com a maior presença de espanhóis, atrás apenas da capital, Porto Alegre<sup>33</sup>. No entanto, o número de espanhóis havia diminuído para 203 (177 brasileiros não naturalizados e 26 naturalizados brasileiros), ou 6% de todos os imigrantes espanhóis no Rio Grande do Sul. No Brasil, o maior fluxo de espanhóis concentrou-se entre 1891 e 1920, quando mais de 431.609 imigrantes de Espanha chegaram ao país. O Brasil havia estabelecido um escritório de recrutamento em Málaga, em 1896<sup>34</sup>.

Um levantamento entre um banco de dados formado a partir dos dados recolhidos nos formulários preenchidos para requisição da carteira profissional no Rio Grande do Sul

---

<sup>32</sup> Agradeço a Profa. Dra. Regina Weber (UFRGS) pelo acesso a estes dados, levantados por ela na pesquisa “Espanhóis no sul do Brasil: imigração e etnicidade”, coordenado por ela em 2009.

<sup>33</sup> Censo Demográfico 1940. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1940.

<sup>34</sup> LESSER, *Immigration, ethnicity and national identity*, pp. 108-110.

também confirma o predomínio de espanhóis entre os mineiros de carvão imigrantes, mas mostra uma enorme variabilidade de origens<sup>35</sup>. Entre 1933 e 1943, foram encontrados 433 arquivos de trabalhadores nacionais e 39 de trabalhadores imigrantes relacionados aos mineiros de São Jerônimo. As fichas contêm dados de imigrantes dos seguintes países: Espanha (15); Polônia (6); Portugal (4); Uruguai (4); Lituânia / Rússia (4); Alemanha (2); Áustria (1); Romênia (1); Tchecoslováquia (1); Hungria (1) (ver tabela 1).

**Tabela 1 – Trabalhadores não-brasileiros nas Minas de carvão no Rio Grande Do Sul.**

(Banco de dados DRT/NDH 1933-1943)

País de nascimento (declarado)	Cidade de nascimento	Ano da chegada no Brasil	Idade quando chegou ao Brasil	Idade quando preencheu o formulário	Ano de preenchimento do formulário	Nacionalidade do cônjuge	Filhos
Espanha	Tudela de Navarra	1899	23	61	1937	Espanhola	0
	Lugo	1908	8	34	1934	Não informado	3
	Ourense	1910	20	43	1933	Não informado	2
	Rodelas	1912	20	42	1934	Espanhola	2
	Ourense	1913	20	44	1937	Não informado	0
	Not informed	1913	24	53	1942	Brasileira	6
	Brollon	1914	29	49	1934	Não informado	2
	Leon	1917	21	38	1934	Espanhola	4
	Ourense	1925	15	25	1935	Solteiro	0
	Almeria	1927	19	27	1935	Não informado	1
	Cotova (talvez Córdoba)	1928	25	31	1934	Solteiro	0
	Melon	1928	18	25	1935	Solteiro	0
	Barcelona	1929	34	42	1937	Solteiro	0
Cristina	1929	26	31	1934	Solteiro	0	
Ourense	1936	33	34	1937	Solteiro	0	
Polônia	Opole	1912	17	40	1935	Não informado	4
	Plonia	1927	23	30	1934	Russo	0
	Ulów	1929	23	28	1934	Polonês	2
	Não	1929	26	32	1935	Polonês	2

<sup>35</sup> O banco de dados DRT/NDH é alimentado pelos dados constantes nas fichas preenchidas com as informações dos operários que requeriam carteira profissional no Rio Grande do Sul. As fichas da Delegacia Regional do Trabalho (DRT) fazem parte do acervo do Núcleo de Documentação Histórica (NDH) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Para confecção da tabela, utilizei os dados referentes aos anos de 1933-1943, que já estavam catalogados no banco de dados. Neste período, o número de fichas representa cerca de 25% do total de carteiras emitidas no período (conforme os dados do IBGE). Sobre o acervo, ver LONER, Beatriz. O acervo sobre o trabalho do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel. In: SCHMIDT, Benito Bisso (org). *Trabalho, justiça e direitos no Brasil: pesquisa histórica e preservação das fontes*. São Leopoldo: Oikos, 2010, p. 9-24.

	informado						
	Zakopane	1938	53	56	1941	Viúvo	3
	Não informado	Não informado	-	20	1942	Solteiro	0
<b>Portugal</b>	Villa da Feira	1905	11	40	1934	Não informado	5
	Coimbra	1913	3	24	1934	Não informado	1
	Pinheiro Novo	1913	23	44	1934	Não informado	5
	Não informado	1939	27	27	1939	Solteiro	0
<b>Russia</b>	Marijanpole (hoje na Lituânia)	1922	21	33	1934	Não informado	2
	Não informado	1923	35	48	1936	Viúvo	1
	Kaukas (talvez Kaunas, hoje Lituânia)	1929	27	32	1934	Solteiro	0
<b>Alemanha</b>	Não informado	1891	2	45	1934	Não informado	6
	Lehne (talvez Lehnstedt)	1927	28	36	1935	Solteiro	0
<b>Austria</b>	Hulweis (?)	1913	19	41	1935	Austriaco	0
<b>Hungria</b>	Badonos (?)	1924	27	37	1934	Não informado	3
<b>Lituânia</b>	Tanlichen (talvez Salcininkai)	1928	18	25	1935	Solteiro	0
<b>Tchecoslovaquia</b>	Não informado	1927	20	28	1935	Solteiro	0
<b>Romenia</b>	Kiseenev (talvez Chisinau, hoje Moldavia)	1924	26	36	1934	Romena	1
<b>Uruguai</b>	Rivera	1909	4	28	1933	Viúvo	1
	Treinta y Tres	1910	9	33	1934	Solteiro	1
	Rivera	1921	26	39	1934	Não informado	3
	Não informado	Não informado	-	28	1933	Solteiro	0

**Fonte:** levantamento da autora junto ao banco de dados DRT/NDH UFPel.

A tabela 1 deve ser vista com cautela, não só devido à diferença de identidades étnicas e nacionalidades políticas, mas também pela intensa mobilidade nas fronteiras europeias no início do século XX. Além disso, deve-se notar que os formulários foram aparentemente preenchidos por funcionários brasileiros reunidos a partir de informações orais dadas por trabalhadores. As línguas estrangeiras eram normalmente "traduzidas" de acordo com a ortografia e escrita em português, e em alguns casos é difícil identificar a cidade de origem.

O inquérito indica que vários trabalhadores espanhóis eram oriundos de cidades do Norte de Espanha (Ourense, León, Lugo), perto de León e Astúrias, regiões tradicionais de

extração de carvão<sup>36</sup>, o que confirma o fluxo contínuo de trabalhadores qualificados para as minas brasileiras (ver mapa 1). Os anos de chegada no Brasil variam entre 1899 e 1936 (especialmente entre 1910 e 1920). A maioria dos trabalhadores veio para o Brasil com idade entre 20 e 30 anos, mas a presença de crianças (não só espanhóis, mas alemães, portugueses e uruguaios) apontam para a chegada das famílias. No entanto, as entradas após 1920 parecem mais comuns para imigrantes poloneses, russos e lituanos. Em relação aos uruguaios, sua chegada foi facilitada pela proximidade da fronteira.

**Mapa 1 : Local de nascimento de imigrantes espanhóis e portugueses das Minas de carvão do Rio Grande do Sul (1933-1943)**



**Fonte:** levantamento a partir do arquivo DRT/NDH - UFPel

Esta presença dos espanhóis e sua influência na construção da classe pode ser auferida também por outros indícios. O primeiro presidente do sindicato dos mineiros, por exemplo, foi o espanhol Deotino Rodrigues, que nasceu em Ourense e imigrou para o Brasil em 1910, aos 20 anos. Além disso, a mais conhecida liderança dos mineiros, Manoel Jover Teles, também era descendente de espanhóis. Jover, que começou a trabalhar nas minas aos 11 anos de idade, liderou movimentos de resistência durante o Estado Novo (1937-1945) e foi eleito para a Assembléia Legislativa pelo PCB em 1947, posteriormente migrando para o PCdoB. Seu pai, Jeronymo, veio de Linares, uma cidade andaluza, na província de Jaén, na Espanha. Conforme dados levantados por Silveira, Jeronymo seria mineiro e teria imigrado por “razões

<sup>36</sup> Ver SHUBERT, Adrian. *Road to Revolution in Spain: Coal Miners of Asturias, 1860-1934 - Working Class in European History*. Chicago: University of Illinois Press, 1987.

políticas”. Apesar de ter nacionalidade brasileira, um dos apelidos de Jover era "príncipe espanhol"<sup>37</sup>.

Em contraste, também encontramos espanhóis que desempenhavam papéis-chave na hierarquia das mineradoras e eram importantes como agentes de disciplinamento dos colegas, punindo ou participando da punição de operários faltosos ou grevistas. Exemplos disso podem ser encontrados em processos judiciais trabalhistas referentes a trabalhadores nas minas, existentes desde a década de 1940.

Um dos personagens desse processo é o espanhol V. M, capataz de um dos poços de Butiá, que aparece depondo a favor da empresa num caso movido pelo mineiro brasileiro A.A.P. em 1941 contra a Companhia Carbonífera Riograndense<sup>38</sup>. Na época com 53 anos, 28 deles no Brasil, M. ratificou as justificativas da empresa para a demissão de P., corroborando as informações que faltava muito.

Em diversos outros processos judiciais, podemos também observar o papel desempenhado por A.Y., que à época era encarregado da furação, função importante na hierarquia das minas. Y. aparece como testemunha depondo a favor das mineradoras em vários processos trabalhistas a partir de 1947<sup>39</sup>. Esse espanhol, que havia chegado ao Brasil com 21 anos, em 1917, vinha da Província de Leon, nas Astúrias. A sua ficha de identificação do requerimento da carteira profissional, preenchida em 1934, relata a falta de duas falanges do dedo índice da mão esquerda, talvez decorrente de algum acidente de trabalho<sup>40</sup>.

As trajetórias de Y. e M. exemplificam como alguns imigrantes tornaram-se homens de confiança das empresas mineradoras, a partir de seus saberes de ofício ou/e de sua fidelidade a companhia. Essa adesão aos interesses do patronato os colava em posição contrária a outros conterrâneos ou mesmo outros imigrantes europeus, que contestavam abertamente a disciplina patronal. Ressalte-se que há também processos nos quais operários

<sup>37</sup> SILVEIRA, Éder da Silva. *Por que ele? Educação, traição e dissidência comunista na trajetória de Manoel Jover Teles, o “Manolo”*. Jundiá: Paco editorial, 2016. Jover Teles é apontado como figura-chave na traição que redundou no chamado “Massacre da Lapa”, no qual foram assassinados, pelos órgãos de repressão da ditadura, os principais líderes do PCdoB, em 1976.

<sup>38</sup> Processo 02/41, Alcides Antônio Passos. CD-ROM Processos Trabalhistas de São Jerônimo/RS (1938/1947). Coleção Acervos. Memorial da Justiça do Trabalho do Rio Grande do Sul.

<sup>39</sup> Exemplos são os processos 6/46 (inquérito administrativo contra Raimundo Andrade, então militante do recém-criado PTB, alegando faltas injustificadas), 125/46 (inquérito administrativo contra Zeferino Lemes Cabral pedindo sua demissão por faltas), 142/46 (movido por Laurentino Luiz da Cunha contra a Companhia Carbonífera Minas do Butiá reclamando de uma suspensão considerada injusta). CD-ROM Processos Trabalhistas de São Jerônimo/RS (1938/1947). Coleção Acervos. Memorial da Justiça do Trabalho do Rio Grande do Sul.

<sup>40</sup> Declaração 23.005, série 5, livro 461, acervo DRT/NDH/UFPel.

européus depõem a favor de brasileiros, o que demonstra que nestes casos a solidariedade de classe falou mais alto que a étnica.

Conforme o banco de dados de DRT, encontramos 114 trabalhadores afrodescendentes (classificados como pretos, pardos, mistos, morenos e outros) em uma amostra de 472 mineiros em minas de carvão entre 1933-1944, a grande maioria deles nascida em São Jerônimo, ou municípios próximos. Porém há casos de trabalhadores pardos vindos do Uruguai ou de outros estados (Santa Catarina, Minas Gerais e Rio Grande do Norte). O mesmo quadro se verifica em relação aos trabalhadores brancos não-estrangeiros, cujo contingente é formado em sua maioria por nascidos na região próxima às minas, seguidos por originários de outras cidades do Rio Grande do Sul e a seguir por migrantes de Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Em paralelo à intensa mobilização coletiva, formas de segregação étnica e racial eram enraizadas culturalmente. Em entrevistas, mineiros aposentados negros relataram a segregação em relação ao lazer. O mineiro aposentado Frontino Rodrigues Oliveira, 73 anos, por exemplo, contou que não ia em determinado clube de operários porque “era raça preta, que nem eles dizem (...). Naquele tempo, tinha um lá em cima [para os negros]. Era o [clube] Tesouras”<sup>41</sup>. Seu colega Cerílio Soares, 72 anos, relatou que os bailes nos clubes iam até às 5 horas da manhã: “[Eu] ia mais no Clube Tesouras. Era o baile dos negros. Agora, deve estar tudo misturado, mas antigamente, não misturava branco com moreno”<sup>42</sup>.

Importante notar que este tipo de lazer segregado – a existência de clubes sociais onde não era permitida a entrada de negros –, e a consequente criação de agremiações de lazer próprias era comum no Rio Grande do Sul e que não há registro deste tipo de segregação em relação ao sindicato, ao contrário de outras cidades operárias, como Pelotas e Rio Grande<sup>43</sup>. Porém é digno de nota que a tão decantada coesão de classe entre os mineiros (a ponto de alguns historiadores locais falarem em “raça mineira”<sup>44</sup>) convivesse com a separação étnica. Curiosamente, segundo alguns relatos, o clube negro teria sido o primeiro a surgir:

O primeiro clube nascido em Arroio dos Ratos foi o “Clube dos Tesouras”, criado pelos negros. Posteriormente, surge o clube “Última Hora”, a princípio um bloco de carnaval, chamado de “Os Atrasados”. Meu pai conta que, no carnaval de 1933, ele estava em Pelotas cuidando de meu avô, e decidiu, na última hora, participar do desfile, o que levou a substituição do nome “Os

<sup>41</sup> OLIVEIRA, Frontino Rodrigues. Depoimento ao Centro de História Oral (CHO) do Rio Grande do Sul, 21/06/2002. Entrevistador: Ulisses Borba dos Santos.

<sup>42</sup> SOARES, Cerílio. Depoimento ao Centro de História Oral (CHO) do Rio Grande do Sul, 21/06/2002. Entrevistador: Ulisses Borba dos Santos.

<sup>43</sup> Ver LONER, Beatriz. *Construção de classe – Operários de Pelotas e Rio Grande*. Pelotas: UFPel, 2016.

<sup>44</sup> Um exemplo é o livro do historiador local Benedito Veit, *Mineiros: uma raça* (Edição do autor, s/d).



Atrasados” para “Última Hora”, constituindo-se, então, uma sociedade, da qual os espanhóis tomaram a liderança e que existe até hoje. Além destes, havia o “Clube Farroupilha”, surgido em 1935, ano do centenário da Revolução Farroupilha. Este último, de inspiração da empresa, congregando o pessoal do setor burocrático, uma espécie de elite. Já bloco “Sai da Frente” pertencia ao “Clube União da Várzea”, criado por um engenheiro. O “Tesouras”, o “Última Hora”, o “Farroupilha” e o “Sai da Frente” proporcionavam verdadeiros shows durante o carnaval. Estes clubes eram pujantes, apresentando inclusive, algumas rivalidades<sup>45</sup>.

As rivalidades também existiam em relação ao futebol, relata Lima, já que nas vilas mineiras foram organizados clubes esportivos para a prática do esporte (que não estavam imunes à vigilância das mineradoras, já que as empresas financiavam em parte as agremiações).

Existia o “Brasil” e o “Guarani” – criado pela comunidade espanhola em 1907 – chamado, no início, de “Espanha”. Então, temos neste período, a I Guerra Mundial, na qual Brasil e Espanha estavam em linhas apostas. Sendo assim, a sanha belicosa da guerra influenciava os humores desportivos em Arroio dos Ratos, e os ânimos estavam caminhando para um lado perigoso. Logo, algumas cabeças pensantes resolveram trocar o nome de “Espanha” para “Guarani”, o que pacificou as relações.<sup>46</sup>

Tanto neste trecho quanto no anterior, o depoente deixa transparecer a existência de uma segmentação ou rivalidade entre espanhóis e “nacionais” (afrodescendentes ou não), expressa nos clubes sociais e times de futebol. Quanto a estes últimos, não deixa de ser irônico que o nome escolhido para mascarar a origem estrangeira dos integrantes do time tenha sido uma alusão à origem mítica do Brasil, ao bom selvagem indígena, aquele “elemento” que os historiadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)<sup>47</sup>, tão distantes das minas de carvão do Rio Grande do Sul, reportavam como a síntese da nacionalidade brasileira...

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da mesma forma que a mudança do nome de “Espanha” para “Guarani” pode ser compreendido como uma tentativa simbólica de integração a uma pretensa identidade brasileira, o fato de o monumento que celebra os trabalhadores das minas de carvão estar localizado no entroncamento do Largo dos Mineiros com a Avenida Espanha também é carregado de expressividade. Numa vila criada pela dominação patronal, é significativo que

<sup>45</sup> LIMA, Juarez. Depoimento ao Centro de História Oral (CHO).

<sup>46</sup> LIMA, Juarez. Depoimento ao Centro de História Oral (CHO).

<sup>47</sup> Ver GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. *Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional*. Estudos Históricos, CPDOC-FGV, Rio de Janeiro, v.1, n. 1, 1988, p. 5-27.

uma de suas principais artérias viárias leve o nome do grupo de imigrantes mais expressivo, que embora minoritário em relação ao trabalhador “nacional”, ajudou a moldar os contornos da experiência operária local.

Experiência muito rica em termos de uma cultura própria de classe, sempre voltada para a ação. Se há registros de paralisações e protestos desde o final do século XIX, foi a partir dos anos 1930, com a criação do Sindicato dos Mineiros, e em meados da década seguinte, com o fim do Estado Novo, que multiplicaram-se os movimentos de protesto. Apenas ao fim do período ditatorial, houve paralisações em 1945 e 1946, sendo que esta última durou 36 dias, deixou a capital do Rio Grande do Sul às escuras por dias devido à interrupção do fornecimento de energia elétrica e foi pródiga em enfrentamentos violentos com a polícia<sup>48</sup>. Estes e mais movimentos não seriam possíveis sem uma sólida coesão dos mineiros, cujas mobilizações contavam com a participação ativa não só de todos os trabalhadores, mas também de suas mulheres e filhos.

Essa união contrasta com a tendência, no Rio Grande do Sul, de formação de comunidades imigrantes com culturas e práticas relativamente isoladas, especialmente no Norte do Estado. Isso não aconteceu nas minas de carvão. Embora uma grande quantidade de imigrantes europeus tenha chegado à região, suas origens variadas impediram a formação de grupos étnicos fechados, a partir de uma língua comum, por exemplo. Outro aspecto importante a este respeito foi a prevalência de espanhóis nas minas. Discretos, eles eram percebidos cada vez menos como "outros", talvez por semelhança linguística e pela proximidade com o Prata<sup>49</sup>.

Nos relatos dos mineiros, apesar muitas vezes o elemento étnico estar presente, é muito mais perceptível a noção de pertença ao ofício. O orgulho de ter sido mineiro, de ser filho ou neto de mineiros de carvão, é mais relevante do que ter esta ou aquela origem. A estátua do mineiro, na entrada de Arroio dos Ratos, também torna este ponto muito claro.

No entanto, essa construção ideológica de uma classe suficientemente forte para ser chamada de "raça" mineradora não é capaz de esconder suas próprias contradições. Como em outras regiões mineradoras do mundo, a classe trabalhadora mineira foi construída a partir da agregação contínua de operários de diversas origens. Porém, como já salientamos, teve a peculiaridade no Brasil de ser contemporânea ao processo de pós-abolição, e de transformação social que atingiu em cheio a população negra. A segregação aberta e visível

---

<sup>48</sup> Ver o capítulo 4 de SPERANZA, *Cavando direitos*.

<sup>49</sup> LESSER, *Immigration, ethnicity and national identity*, pp. 89-115.

dos mineiros afrodescendentes pelo menos durante o seu tempo de lazer mostra que a decantada coesão entre os trabalhadores tinha seus limites – e não excluía a discriminação social dos descendentes de escravos. O fato desta separação aberta e cotidiana conviver com uma construção de classe calcada na força, coragem e solidariedade mostra suas contradições, mas também, dialeticamente, sua força.

## FONTES

BRASIL. Ministry of Agriculture, Industry and Commerce - General Directorate of Statistics. Census of Brazil - Population. Vol 4, part 1. Typ of Statistics, Rio de Janeiro: 1926.

BRAZIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Census of Brazil – 1940.

BRAZIL 1940/41 - *An economic, social and geographic survey* Foreign Ministry: Rio de Janeiro, 1942.

BRAZIL. Statistical Yearbook of Brazil (Year VI-1941-1945). Rio de Janeiro: IBGE, 1946.

DISSÍDIO COLETIVO – Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Extração do Carvão. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1943.

DRT Archive (Labor Regional Department Archive) – NDH/UFPel.

PROCESSOS TRABALHISTAS de São Jerônimo/RS (CD 1938/1947). Coleção Acervos. Memorial da Justiça do RS.

RELATÓRIO da Companhia Estrada de Ferro e Minas de São Jerônimo (reunião ordinária de 1895). Rio de Janeiro: Oficinas do Jornal do Brasil, 1895.

## BIBLIOGRAFIA

BELLOLI, Mário et al. *História do carvão de Santa Catarina*. Criciúma: Imprensa Oficial SC, 2002.

BERGER, Stefan; CROLL, Andy; LAPORTE, Norman (orgs). *Towards a Comparative History of Coalfield Societies*. Londres: Ashgate, 2005.

BONFÁ, Rogério Luis Giampietro. “Com ou sem lei”: as expulsões de estrangeiros durante a Primeira República. *Cadernos AEL*, Campinas, v. 14, n. 26, 2009.

BUNSE, Heinrich. *A mineração de carvão no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Secretaria de Energia, Minas e Comunicações, 1984.

CHALHOUB, Sidney. *A força da escravidão – ilegalidade e costume no Brasil Oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CIOCCARI, Marta. *Do gosto da mina, do jogo e da revolta: um estudo antropológico sobre a construção da honra numa comunidade de mineiros de carvão*. Tese (doutorado em Antropologia), PPGAS Museu Nacional (RJ), 2010.

DAHNE, E.S. Eugenio. *A mineração de carvão e as concessões da Companhia no estado do Rio Grande do Sul – Brazil*. Porto Alegre: Estabelecimento Telegráfico de Gundlach, 1893.

DENNIS, Norman; HENRIQUES, Fernando e SLAUGHTER, Clifford. *Coal is our life*. Londres: Tavistock Publications, 1956.

ECKERT, Cornelia. *Os homens da mina – um estudo das condições de vida e representações dos mineiros de carvão em Charqueadas/RS*. Dissertação (mestrado em Antropologia, Sociologia e Ciência Política) UFRGS, Porto Alegre, 1985.

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, CPDOC-FGV, Rio de Janeiro, v.1, n. 1, 1988.

HOFF, Gertrudes Novak. *Butiá em busca de sua história*. Arroio dos Ratos: PBS, 1992.

KLOVAN, Felipe Figueiró. *Sob o fardo do ouro negro: as experiências de exploração e resistência dos mineiros de carvão do Rio Grande do Sul na década de 1930*. Dissertação (Mestrado em História), PPG em História, UFRGS, 2014.

KLUBOCK, Thomas. *Contested Communities: Class, Gender, and Politics in Chile's El Teniente Copper Mine, 1904-1948*. Durham: Duke University Press, 1998.

KNOTTER, Ad. Mineração de carvão, migração e etnicidade: uma história global. *Revista Mundos do Trabalho*, vol. 7, n. 14, julho-dezembro de 2015.

LESSER, Jeffrey. *Immigration, ethnicity and national identity in Brazil, 1808 to present*. New York: Cambridge University Press, 2013.

LONER, Beatriz. *Construção de classe – Operários de Pelotas e Rio Grande*. Pelotas: UFPel, 2016.

LONER, Beatriz. O acervo sobre o trabalho do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel. In: SCHMIDT, Benito Bisso (org). *Trabalho, justiça e direitos no Brasil: pesquisa histórica e preservação das fontes*. São Leopoldo: Oikos, 2010.

NASH, June. *We eat the mines and the mines eat us – dependency and exploitation in Bolivian Tin Mines*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1979.

SEYFERTH, Giralda. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (org). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

SIMCH, Carlos Alfredo. *Monografia de São Jerônimo*. Porto Alegre: Livraria Andradas, 1940.

SILVA, Cristina Ennes da. *Nas profundezas da terra: um estudo sobre a região carbonífera do Rio Grande do Sul (1883-1945)*. Tese (doutorado em História), PUCRS, Porto Alegre, 2007.

SILVEIRA, Éder da Silva. *Por que ele? Educação, traição e dissidência comunista na trajetória de Manoel Jover Teles, o “Manolo”*. Jundiá: Paco editorial, 2016.

SPERANZA, Clarice Gontarski. *Cavando direitos: as leis trabalhistas e os conflitos entre trabalhadores e patrões nas minas de carvão do Rio Grande do Sul nos anos 40 e 50*. São Leopoldo: Oikos; Porto Alegre: ANPUH-RS, 2014.

SULZBACH, Ervino L. *Arroio dos Ratos – Berço da Indústria carbonífera nacional*, Arroio dos Ratos: PBS, 1989

TREMPÉ, Rolande. Les caractéristiques du syndicalisme minier français et son apport au mouvement ouvrier français. *Halifax*, volume 16, nº 1, 1981.

VEIT, Benedito. *Mineiros: uma raça*. Arroio dos Ratos: edição do autor, s/d.

VOLPATO, Terezinha. *A Pirita Humana: Os Mineiros de Criciúma*. Florianópolis: UFSC, 1984.

WITKOWSKI, Alexandro e FREITAS, Tassiane Melo. *Sobre os homens desta terra – A trajetória de fundação do sindicato dos mineiros de Butiá no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: ed. autores, 2006.